

Entrevista com Any Moraes

Entrevista: Vicente Fonseca
Fotos: Marcelo Pires e acervo pessoal Any Moraes
Transcrição: Marcelo Pires

Socióloga formada pela UFRGS, Any Morais não atua como docente ou técnica-administrativa da Universidade, mas possui uma ligação com a extensão ainda mais forte, que perpassa a formação acadêmica. Moradora do Morro Cruz, ela é uma das coordenadoras de dois projetos intimamente ligados à sua comunidade: a Horta Comunitária e a Cozinha Solidária. Nesta entrevista, ela traz a experiência de quem viveu os dois lados: a Universidade e a comunidade, as duas faces que tornam a Extensão possível, as quais ela mesma ajuda a articular em seu território com maestria e a mais pura inspiração extensionista, como veremos a seguir.

Revista da Extensão: Esta é uma entrevista diferente da que os nossos leitores estão habituados. Vamos iniciar falando do começo da tua trajetória?

Any Moraes: Any Moraes: Meu nome é Any Moraes, eu sou mãe e moradora do Morro da Cruz, periferia aqui de Porto Alegre. Levei longos 10 anos para conseguir me formar, na graduação em Ciências Sociais, aqui na UFRGS. Na época, acessei a Universidade logo depois que ganhei minha filha. Então, isso também foi um processo, conciliar a maternidade com o estudo, com o trabalho… demorei um pouco por conta disso. E, ao mesmo tempo, sempre construindo projetos dentro da comunidade em que moro, pensando que eu tive a oportunidade de acessar a Universidade, mas muitos amigos e amigas, enfim, pessoas que cresceram comigo, não tiveram. Então, para mim, era uma necessidade conectar a UFRGS com o território de onde venho.
A educação me transformou e transformou a minha vida, me possibilitou acessar espaços e conhecimentos. A partir disso, fui desenvolvendo projetos dentro do território, pensando nesse retorno, como uma forma de mostrar para as crianças que também era possível estar na faculdade. Nós, que crescemos num ambiente de muita vulnerabilidade social, também podemos acessar a Universidade e ter oportunidades de trabalho e de conhecimento.

Revista da Extensão: Qual é a importância de mostrar para quem vive na periferia que a Universidade também é possível?

Any Moraes: Apesar de todo o trabalho que é feito, talvez uma liderança comunitária seja um dos métodos mais eficazes de alcançar essas pessoas. Eu acessei a Universidade, inclusive pela cota do ensino público, que também era uma novidade naquele período. Quando mais nova, tinha participado do ProUni e consegui uma bolsa na Unisinos. Então, eu fazia uma longa viagem todos os dias e, quando consegui passar aqui no vestibular da UFRGS, foi maravilhoso, também no sentido de poder estar mais perto da faculdade. Mas acho que é transformador não só por conta da educação, mas também por a gente sair do território e poder vivenciar outras coisas, ter acesso a outros conhecimentos. A gente não consegue mensurar isso, porque conheço muitas

pessoas que hoje vivem dentro do território e que nunca saíram de lá, já que a vida delas gira em torno daquilo. Então, poder sair, acessar e ver que é possível transformar foi muito importante.
E a minha mãe sempre incentivou muito o estudo. Ela não fez faculdade, se formou no Ensino Médio, mas a frase que sempre dizia era: "tem que estudar e é com a educação que vai dar". Quando a gente teve essa troca da extensão, da Universidade ir no território e poder vivenciar ali com os alunos e alunas, e as pessoas dali também vivenciarem aquilo, foi muito emocionante. Nós levamos as famílias e as crianças em um curso da Agronomia para assistir a uma apresentação dos projetos que os alunos fizeram de irrigação no espaço da horta, e as crianças inclusive queriam ser alunas da professora Nilza (NR: Nilza Maria dos Reis Castro, docente do Instituto de Pesquisas Hidráulicas). E perguntavam: "ah, quando é que a gente vai poder voltar aqui para a aula?". Então, elas também estarem dentro daquele espaço e verem que tem essa possibilidade foi muito bacana. Acho que isso atravessa muito a minha vivência e essa percepção que eu tenho da oportunidade que tive de acessar a UFRGS e o quanto isso impactou na minha vida.

Revista da Extensão: Como começou a tua relação com a extensão?

Any Moraes: Essa relação que a gente teve com a extensão, no primeiro momento, foi a partir de uma luta que desencadeamos dentro do território. Nós estávamos passando pelo pior verão da história de Porto Alegre, ainda na pandemia. Foi o verão mais quente dos últimos 40 anos. Faltou muita água nas periferias de Porto Alegre. Houve racionamento, lá no Morro da Cruz nós ficamos 60, 70 dias sem água na torneira. Houve lugares que chegaram a ficar 80 dias sem água, dependendo só do caminhão-pipa. E aí, bom, morro é viela, é beco, é difícil o acesso, são muitas pessoas idosas. Então havia uma dificuldade enorme dessas famílias chegarem até o caminhão-pipa para pegar uma garrafa d'água no final do dia. E a gente ainda estava naquele período de pandemia, então se agravava ainda mais a situação. Nós então organizamos uma mobilização no território e o espaço onde a gente tem uma horta comunitária foi um ponto de partida disso. Muitas mulheres que participavam desse espaço estavam sofrendo com a falta d'água e aí a gente começou a participar das reuniões e ir até lá.
A professora Nilza e a professora Tatiana Duarte, da Faculdade de Agronomia, foram numa atividade que organizamos em uma das escolas do Morro da Cruz para discutir a falta d'água e o trabalho que as hortas comunitárias e as cozinhas solidárias do território estavam fazendo para tentar resolver essa situação. Elas participaram e se engajaram muito nessa luta.
A professora Nilza propôs incluir uma atividade de extensão para fazer um projeto de irrigação da horta, com captação da água da chuva. Naquele momento de seca, em janeiro e fevereiro, isso não sanaria o problema, mas poderia ser uma solução no futuro. Então, a UFRGS nos doou uma caixa d'água do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH). Os alunos fizeram, ao longo de seis meses, visitas e medições.
No final do semestre, a Universidade foi com a van e buscou famílias e crianças que faziam parte da nossa horta para assistir à apresentação desses projetos. Foram quatro grupos de trabalho e eles fizeram o projeto tentando baratear, já apresentando um orçamento para a instalação. Todo mundo assistiu e foi muito emocionante. Foi uma manhã de muito choro, porque os alunos se mostraram muito envolvidos com tudo e os moradores também.
Eles apresentaram e a gente conseguiu, naquela manhã, uma instituição que aderiu à iniciativa, o Koinós, que financiou. Então, para além do conhecimento técnico da Universidade na elaboração do projeto, a gente conseguiu financiamento e instalamos a irrigação. Hoje ela é automatizada, faz toda a captação da água da chuva e irriga a nossa horta. Isso estava muito ligado a uma luta do território. A gente lutava pela questão da insegurança hídrica e juntou esse conhecimento da Universidade com o território.

Foi uma troca muito importante.
A gente percebeu que os alunos não estavam ali só para fazer mais um trabalho; também se envolveram bastante.

Revista da Extensão: E para os estudantes, qual foi a importância dessa experiência extensionista?

Any Moraes: A experiência de vivenciar um projeto de extensão dessa magnitude transforma não só o profissional, mas a vida da pessoa também.
É entrar em contato com uma realidade às vezes tão diferente e poder tirar do papel. Porque possibilitou a gente instalar e eles verem, fazerem parte de uma ponta do problema e de uma possível solução para a questão da falta d'água, que hoje tem sido referência. A gente recebe visitas de muitos estudantes de fora do país. Recentemente aconteceu aqui um encontro de Sociologia Rural, e nós recebemos alunos da Argentina, do Canadá, enfim, de vários países para conhecer essas partes do projeto de extensão. Juntou também a turma da Agronomia, que faz várias oficinas e acompanhamento lá com uma atividade permanente. Várias frentes foram se juntando. E hoje a gente tem uma atuação da UFRGS lá dentro, não uma apropriação, que às vezes tem essa coisa: "Ah, a universidade vem aqui, se apropria e vai embora". E não, é uma coisa muito legal, porque tem essa troca e os alunos também têm essa vivência ali.
A gente está com o projeto de segurança e soberania alimentar, com o curso de Agronomia, com várias oficinas também. Inclusive, nós recebemos duas caixinhas de abelhas sem ferrão, então estamos fazendo essas oficinas com as crianças.
E também trabalhamos com o Hospital de Clínicas Veterinárias [da UFRGS], que tem feito muitos atendimentos lá. Muitos animais foram abandonados depois da enchente.

Revista da Extensão: E como surgiram a horta comunitária e a cozinha solidária?

Any Moraes: A horta e a cozinha acontecem em um terreno em frente à minha casa.
A gente iniciou a horta no período da pandemia, naquela situação em que a gente estava com fome, insegurança alimentar e muitas mulheres perdendo o emprego. Começamos a fazer algumas ações de solidariedade e nos reunimos para fazer uma sopa coletiva, conversar sobre aquele momento, fazer oficina de sabão, enfim, se encontrar. E aí começou a surgir a horta.
O espaço que a gente ocupou tinha lixo acumulado, esgoto a céu aberto, estacionamento de carros, e começamos a organizar, plantar



em caixinhas de feira, ocupar, enfim. Foi um modo de resistência também, uma disputa de concepção do uso do espaço dentro da periferia, porque, pelo visto, era melhor ter muitos carros estacionados do que a gente usar aquele lugar para plantar coisas. Já a cozinha nasceu na enchente.

A gente tinha um espaço onde fazia o alimento para as famílias que participavam dos mutirões e, quando chegou a enchente, as pessoas começaram a procurar o nosso espaço pedindo ajuda. Havia casas que estavam abrigando 20, 25 pessoas. A paisagem do Morro da Cruz mudou completamente. Era carro subindo e descendo com um colchão em cima. No entorno da nossa cozinha, havia casas com 20 pessoas, que se revezavam para dormir.

E então a cozinha virou um espaço em que as pessoas iam para lá e passavam o dia. Com as doações, conseguimos ofertar café da manhã, almoço, café da tarde e jantar, além das doações que chegavam de roupas, colchões e cobertores. Então a gente começou a fazer um mapeamento de famílias que estavam abrigando outras famílias, no morro e em outras regiões de Porto Alegre. E fazia essa distribuição das doações, porque no início também estava tudo muito direcionado aos abrigos.

Revista da Extensão: O morro sofreu muito com a enchente no sentido ambiental também?

Any Moraes: A gente teve bastante situação de deslizamento. O morro tem muitas nascentes. Existe essa ideia comum de que o morro não alaga, então as pessoas falam: "ah, no morro não se sofre com a enchente". Mas as nascentes transbordaram, teve muitas casas em situação em que a gente precisou chamar a Defesa Civil para resgatar pessoas. A maior questão ali foi o desmoronamento e as pessoas que buscaram abrigo em casas de parentes que não tinham condições nem de alimentação nem de acomodação. Então, a cozinha se tornou uma referência no território. A gente distribuiu mais de mil marmitas por dia, tanto ali na comunidade como em outros pontos. Esse espaço se tornou seguro para mulheres e crianças. Hoje a gente tem um trabalho de formação continuada com essas famílias também. Não é um espaço assistencialista, é um espaço onde a gente troca muito, tem esses momentos de diálogo. Durante a enchente, a gente conseguiu



captar recursos e ampliar a nossa construção. Hoje temos uma padaria comunitária e um espaço de costura, que fazem o trabalho de geração de renda para essas famílias. Atualmente, a cozinha serve o almoço de segunda a sexta-feira, mas durante as tardes nós temos várias oficinas. Então as pessoas chegam ali, comem, mas também têm esses outros espaços para participar. E, claro, tem aquelas pessoas que simplesmente vão, comem e vão embora. Faz parte, mas a gente tenta envolver o máximo possível para que as pessoas também tenham uma compreensão do trabalho, da dedicação e dos momentos que a gente vive, do contexto em que as coisas acontecem. E também entender as mudanças climáticas e como isso afeta as periferias e as pessoas que estão em maior vulnerabilidade. É um trabalho de muitas frentes.



Revista da Extensão: Dado o teu perfil, é curioso que não tenhas atuado em atividades de extensão durante a tua graduação…

Any Moraes: Eu tinha o trabalho, a maternidade, muita coisa. Eu estava muito focada na graduação. E também estudava à noite e trabalhava o dia todo.

Revista da Extensão: Claro. Sempre lembrando que tu já fazias extensão na prática da tua comunidade. Aliás: como a comunidade do Morro da Cruz percebe a presença da universidade no território?

Any Moraes: Eu tenho uma relação muito bacana com as famílias ali. Hoje a gente tem um coletivo com 25 voluntárias que trabalham à frente do projeto, o Coletivo Periferia Feminista. Esse nome também tem relação com o próprio feminismo popular e o feminismo que eu aprendi na academia e no movimento social, de como é que as coisas se conectam. Nós trabalhamos ali nessa concepção da educação popular, sem essa coisa de a universidade vir, se apropriar, querer ensinar alguma coisa e ir embora. Hoje é muito bacana ver que há esse entrosamento. Cada uma delas é responsável pelo diálogo com as professoras.

Elas organizam o dia em que as veterinárias vão lá, o dia em que tem as oficinas com a Tatiana, enfim, e, inclusive, estender isso para outros equipamentos do território. Foi possível levar a professora Nilza a uma das escolas lá. Então, rolou uma atividade de extensão na escola também, onde fizemos o projeto de irrigação. Essa é a escola onde a maioria das filhas, crianças, netas ou sobrinhas dessas mulheres estudam. Então, fomos criando uma rede, essa conexão. Acho que, por elas, isso é visto com muito bons olhos. Vejo uma certa naturalidade nesse sentido, de que a gente está ali trabalhando em conjunto, em rede.



Revista da Extensão: O trabalho de vocês também já recebeu premiações, não é?

Any Moraes: Nós ganhamos dois prêmios nacionais: primeiro, o Periferia Viva, do Ministério das Cidades, ainda no período da pandemia, antes da enchente. Foi nesse processo nosso de constituir a horta e o coletivo, fortalecendo a luta local por direitos.

E depois ganhamos o primeiro lugar do Prêmio de Agricultura Urbana do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), que abarcou esse processo todo em que a gente relacionou a horta com a cozinha. Trabalhamos lá a questão da agroecologia, do alimento sem veneno, ou seja, integramos o que a gente planta na horta com o que é produzido dentro da cozinha. A pessoa vai lá e troca o miojo pela folha da beterraba picada e refogada com ovo… Vê se isso não é mais gostoso do que comprar aquele miojo? Também tem a questão da saúde, que é muito transversal.

E esses prêmios vêm disso, dessas várias frentes que a gente vai fazendo. Um dos exemplos é o posto de saúde local. As crianças do Bolsa Família que iam se pesar no posto começaram a ganhar peso, e aí os trabalhadores do posto começaram a perguntar para as mães: "mas, afinal, o que está acontecendo?". Porque, muitas vezes, o normal é que essas crianças não ganhassem peso, em função das dificuldades.

E as mães então explicaram que as famílias estavam indo

se alimentar na nossa cozinha. Um dia chegou lá uma equipe multidisciplinar do posto, pois muitas pessoas disseram a eles que estavam vindo se alimentar ali e que queriam conhecer a cozinha. Então, os prêmios refletem um pouco dessas várias frentes, porque às vezes a gente nem sabe, mas está alcançando os objetivos. Para nós, essa também é uma forma de reconhecimento, de obter ajuda com recursos. Hoje o espaço atua com captação de projetos. A gente está vinculado ao programa das Cozinhas Solidárias do MDS, que vem disponibilizando um aporte financeiro. E os alimentos da cozinha vêm do Programa de Aquisição de Alimentos. Então esses prêmios também nos ajudaram a fortalecer ainda mais o espaço.

Revista da Extensão: O que ainda pode melhorar na relação entre a universidade e as comunidades?

Any Moraes: O orçamento dentro das universidades destinado a isso. Às vezes a gente tem várias ideias das professoras, superempolgadas, mas esbarra um pouco nisso. A gente poderia fazer um pouco mais. E acho que também o incentivo dentro da universidade, de dar maior visibilidade para a extensão. Eu virei uma super fã, uma entusiasta da extensão e, poxa, eu passei toda a minha graduação dentro da universidade e, para mim, era uma coisa muito distante. Então foi preciso eu já estar fora, ter um momento em que a professora foi até o território, o que foi bem importante, porque senão talvez a gente não tivesse conectado. Porque é muita informação e, às vezes, a gente está dentro e não se dá conta de tantas frentes.

Revista da Extensão: Any, parabéns pelo trabalho e muito obrigado por esta conversa. Para finalizar, gostaria de deixar alguma mensagem para os nossos leitores?

Any Moraes: Eu quero agradecer o espaço, por poder falar um pouquinho do nosso projeto e também fortalecer a extensão.
E dizer que tomara que isso siga, se multiplique e fortaleça bastante. Os territórios têm muito a ganhar com essa troca, e vice-versa. Acho bem importante a extensão ir até o local também, poder se relacionar, ter essa vivência dentro do território que transforma. Para nós, foi transformador! A gente conta com muito orgulho, faz parte da nossa história.
E que isso possa se estender também a outros territórios. Então nós também queremos ser uma ponte, um elo com outros territórios e outros espaços que possam receber e ter esse momento.



E seguimos a nossa luta em defesa da segurança e da soberania alimentar, da agroecologia, da luta pelos direitos das mulheres e das crianças. A gente segue nessa construção, fortalecendo a luta dentro do território, que se espalha para os outros também. ◄